

Apresentação

Apresentamos aos nossos leitores e às nossas leitoras, com muita alegria, o número 39 da *Palimpsesto* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Dedicado aos Estudos de Literatura e com um dossiê cujo tema incentiva trabalhos que se debrucem sobre o modernismo, “100 anos da Semana de Arte Moderna: permanências e rupturas”, trazemos artigos que tratam de tal tema, bem como outros que investigam sentimentos tão modernos como contemporâneos como “não-pertença”, as travessias pela cidade e pelo envelhecimento, bem como debates sobre territórios, fronteiras e deslocamentos.

Esta publicação é muito especial para nós duas, pois marca nosso primeiro trabalho como editoras-chefes. Ela seria impossível sem a ajuda e o apoio de nossas editoras e editores, pareceristas e revisores. Agradecemos também todo o apoio da gestão anterior, composta por Thayane Verçosa e Lais Alves, durante o período de transição e também nas diversas outras vezes em que precisamos. Descobrimos agora os desafios de conduzir um periódico e os prazeres de aproximar autores e leitores, sobretudo em um momento ainda complexo de (pós-)pandemia.

Seguindo o tema do dossiê, temos o grande prazer de abrir este número com duas entrevistas discutindo o modernismo em contexto brasileiro e anglófono. A primeira traz uma rica conversa com o professor Ivan Francisco Marques, professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo, sobre os seus trabalhos, assim como sobre o legado e os desdobramentos dos estudos modernistas e do modernismo mineiro. A entrevista internacional traz um diálogo com Jane Goldman, professora da Faculdade de Inglês da Universidade de Glasgow, na Escócia. Nela, são abordados os trabalhos acadêmicos de Goldman sobre o modernismo anglófono (que conta, ainda, com uma correspondência muito valiosa com o modernismo brasileiro), seus estudos sobre Virginia Woolf, assim como a sua produção poética.

No tema de nosso dossiê, publicamos os artigos “*A maçã no escuro*, de Clarice Lispector: a leitura epistolar de Fernando Sabino e a questão do ‘tom conceituoso’ e da emoção”, que conecta os diálogos epistolares dos autores a fim de demonstrar as mudanças textuais que, a partir dessa conversa, foram feitas na narrativa clariceana. Em “O ‘Anhangabaú’ de Mário de Andrade: um palimpsesto no coração da pauliceia”, por sua

vez, vemos, através da imagem do palimpsesto da qual se vale o autor, uma investigação sobre tal conceito no poema.

Ficamos contentes também em incluir, na seção de “Estudos de Literatura”, outros trabalhos que refletem criticamente sobre os mais variados assuntos, trazendo, assim, novos sentidos e percepções a obras literárias já consagradas. Este número conta também com uma resenha de *William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazôniaas* (Raquel Alves Ishii, 2019).

Se, em um contexto global, 1922 via o crescimento do fascismo europeu e os desdobramentos de questões do pós-Primeira Guerra Mundial ao lado de avanços progressistas no campo de direitos trabalhistas e das mulheres, o Brasil, por sua vez, também vivia um momento conturbado. Desde um achatamento social, instigado por um determinismo biológico importado do hemisfério norte, assim como a insegurança do Brasil como República, via-se, por aqui, um medo compartilhado socialmente. Nessa conjuntura, a Semana de Arte Moderna de fevereiro de 1922 traz um ar mais livre à criatividade artística, de modo que se tornava possível uma ruptura com o cânone. Enquanto devoravam as artes europeias e expeliam algo genuinamente brasileiro, vemos agora, em 2022, a permanência de algo que pertence ao século passado quando nos deparamos às voltas com inseguranças no campo democrático, social e econômico – além do sanitário e humanitário.

Em tempo, esperamos que as entrevistas, artigos e resenha possam proporcionar um momento prazeroso de leitura e de troca de conhecimento.

Uma boa leitura a todas e todos!

Paula P. Ramos
Ana Paula Macri